

# A influência da língua árabe no português brasileiro: a contribuição dos escravos africanos e da imigração libanesa

## The influence of Arabic on Brazilian Portuguese: the contribution of African slaves and the Lebanese immigration

---

Maria Youssef Abreu\*  
Vanderci de Andrade Aguilera\*\*

**RESUMO:** As relações entre o árabe e o português no Brasil concretizaram-se a partir de dois momentos históricos distintos. O primeiro momento deu-se no decorrer dos séculos XVIII e XIX, quando o tráfico de escravos viabilizou a entrada de populações de africanos islamizados na sociedade escravocrata brasileira. O segundo ocorreu, mais recentemente, com o fluxo imigratório de sírios e libaneses, iniciado no final do século XIX, estabelecendo uma nova etapa da história de interações entre essas línguas. O presente artigo contempla os vocábulos árabes derivados do intercâmbio entre as duas línguas e os campos semânticos em que os mesmos se organizam, como indício das áreas do saber nas quais se observam as interações entre as duas comunidades linguísticas em contato. Para fins teórico-metodológicos, ampara-se na Sociolinguística do contato de línguas, introduzido por Weinreich (1953) e considera-se como obra-fonte o Vocabulário de Origem Árabe, sistematizado por Vargens (2006). Verificou-se o registro de vinte e cinco vocábulos introduzidos pelos escravos africanos, pertencentes ao campo semântico 'religião', e doze vocábulos representativos ao campo semântico 'culinária', viabilizados pela presença de imigrantes sírios e libaneses no país.

**PALAVRAS-CHAVE:** Línguas em Contato. Árabe. Interferência.

**ABSTRACT:** The relationship between Arabic and Portuguese in Brazil is seen beginning with two distinct historical moments. The first phase took place during the eighteenth and nineteenth centuries, when the slave trade introduced an African muslim population into the Brazilian slave society. The second occurred more recently, with the flow of immigrants from Syria and Lebanon, starting in the late nineteenth century, establishing a new stage in the history of interactions between two languages.

---

\*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL, bolsista da CAPES, vinculada à linha de pesquisa Linguagem e Significação - Análise e Descrição Linguísticas. E-mail: mariaayoussef@hotmail.com

\*\* Professora do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina - UEL. E-mail: vanderci@uel.br

The present article presents the Arabic words exchanged between the two languages as well as semantic fields in which they organize themselves, as evidence of areas in which they observe the interactions between the contact of these two linguistic communities. Theoretical and methodological purposes, find refuge in the Sociolinguistics of language contact, introduced by Weinreich (1953) and became itself as a work source Vocabulary of Arabic origin, systematized by Vargens (2006). There are twenty-five words introduced by African slaves in the semantic field 'religion,' and twelve words in the semantic field 'cooking,' made possible by the presence of Syrian and Lebanese immigrants in this country.

**KEY-WORD:** Languages in Contact. Arabic. Interference.

## Introdução

As línguas geram e expressam os laços que integram os falantes na sociedade e, de muitas maneiras, auxiliam a contar a história deles e de si mesmas. Os estudos em Filologia Românica ou Portuguesa contemplam, sobretudo, o contato entre o árabe e o português na Idade Média ibérica, período no qual ocorreu a interferência de um vasto número de vocábulos do árabe, distribuído em diversos campos semânticos, nas línguas ibéricas e ou delas provenientes. De maneira geral, os estudos filológicos ressaltam três vias de entrada a fim de explicar a interferência dos arabismos na língua portuguesa, a saber: a presença árabe muçulmana na Península Ibérica, a expansão portuguesa e a entrada mediante as línguas européias. Entretanto, omitem a via de entrada de arabismos em terras brasileiras, em decorrência do contato entre o árabe e o português, concretizado a partir da presença de africanos islamizados na sociedade escravagista nos séculos XVIII e XIX e do intenso fluxo imigratório de sírios e libaneses nas primeiras décadas do século XX.

Na tentativa de preencher tal lacuna, Vargens (2006) propõe uma revisão do *corpus* de arabismos do português de todas as épocas, amparado em uma busca bem documentada dos arabismos mais antigos em português e contempla a via de entrada brasileira, acrescentando a contribuição do vocabulário herdado dos escravos e dos imigrantes sírios e libaneses. Em seu

glossário, o autor registra setecentos e sessenta e nove unidades léxicas que, como empréstimos originais, variantes, derivados, ou expressões, são arabismos em português. Trata-se de um registro considerável, tanto quantitativa quanto qualitativamente, na especificidade das línguas românicas da Península Ibérica. Entretanto, no que concerne particularmente ao enriquecimento lexical proporcionado por imigrantes libaneses, até o presente momento não se tem conhecimento de investigações científicas sobre o tema (ARAGÃO, 2008, p. 10).

Nessa perspectiva, o presente artigo expõe dados parciais de análise de pesquisa, em nível de doutoramento, cujo propósito central consiste no estudo das interferências léxicas do árabe no português falado por imigrantes libaneses em contato sociolinguístico constante em solo brasileiro, estabelecidos na cidade de Londrina. O *corpus* constitui-se de dados orais do discurso de dezesseis imigrantes libaneses, bilíngues árabe-português, com idade superior a 18 anos, comerciantes de profissão e com permanência no país entre 20 a 45 anos. Apresentam-se divididos em dois grupos religiosos, cristãos e muçulmanos, de sexo masculino e feminino, distribuídos em dois níveis de escolaridade, fundamental e médio, com dois informantes em cada nível.

Para fins teórico-metodológicos, este estudo ampara-se na Sociolinguística do contato de línguas, introduzido por Weinreich (1953) e considera como obra-fonte o *Vocabulário de Origem Árabe: subsídios para os estudos de filologia*, sistematizado por Vargens (2006). Especificamente, o estudo contempla os vocábulos árabes derivados de dois momentos do contato entre o par de línguas em terras brasileiras, antes referidos, e os campos semânticos em que eles se organizam, como indícios das áreas do saber nas quais se observam as interações entre as duas comunidades linguísticas em contato.

A fim de desenvolver este estudo de modo a dar conta de nossos propósitos, subdividimo-lo em três partes: a primeira expõe um breve relato da interferência árabe na Península Ibérica, sugerindo um levantamento dos principais trabalhos realizados sobre o tema em pauta; a segunda discute a

influência dos africanos escolarizados que habitaram a sociedade escravocrata na Bahia; e a terceira apresenta aspectos socio-históricos da imigração libanesa no Brasil, seguida de um pequeno vocabulário de arabismos resultante dessa imigração.

### **A interferência árabe na Península Ibérica: o contato linguístico e cultural**

Os estudos sobre fenômenos originados do contato de línguas ganharam notável desenvolvimento a partir da divulgação da obra intitulada *Languages in Contact: findings and problems*, de autoria de Weinreich (1953). Com este trabalho, o autor introduziu, pioneiramente, a consideração de fatores de natureza extralinguística no universo da Linguística, abrindo espaços para o posterior surgimento da Sociolinguística. Weinreich (1953) formulou o pressuposto de que as ocorrências do fenômeno da interferência são estimuladas por fatores estruturais e socioculturais, de modo que os usos de estruturas linguísticas são influenciados por fatores extralinguísticos, e isso faz com que as interferências configurem-se sistemáticas e previsíveis. Para o autor, a natureza e a extensão da interferência de uma língua sobre a outra pode ser explicada a partir de dados da fala de indivíduos bilíngues. Weinreich (1953) considera o contato de línguas como um aspecto do contato entre culturas e a interferência exercida por um sistema linguístico sobre o outro, uma faceta da difusão cultural e da aculturação decorrentes do contato entre comunidades linguístico-culturais distintas.

Devido não apenas à longa permanência árabe na Península Ibérica, mas, também, ao refinamento cultural dos muçulmanos em relação aos hispanos, visigodos e cristãos, diversos traços culturais permaneceram na região peninsular resultantes desse período de contato sociocultural, incluído, particularmente, o linguístico. Segundo uma extensa bibliografia que documenta a história, em que destacamos Coutinho (1976) e Silva Neto (1988), árabes e berberes do Magreb adentraram o território que compreendia a

Península Ibérica, conquistando grande parte dessa região. Denominados 'mourous' pelos habitantes da Península, esses povos tinham o islã como religião e o árabe como a língua de comunicação (mesmo aqueles que falavam a língua berbere). O império árabe-muçulmano foi se consolidando nessa região por longo período, estimado, aproximadamente entre sete e oito séculos (levando-se em consideração a data de sua chegada, em 715, até sua expulsão, no século XV. Donos de cultura influente, os árabes desenvolveram uma literatura, uma filosofia e uma ciência bastante próprias que marcaram o pensamento humano em geral e o europeu em particular. Como era de se esperar, o idioma árabe tornou-se a língua dominante em toda a região e isso resultou na assimilação, por parte dos falantes cristãos, de um vasto léxico de origem árabe.

Na caracterização do estudo dos arabismos, nota-se a parcialidade, geralmente verificada na interpretação da conquista da Península Ibérica pelos muçulmanos e das suas conseqüências. Corriente (1996) sugere uma crítica metódica dos estudos realizados sobre os arabismos do iberorromance e afirma que alguns pesquisadores subestimam a interferência sociocultural islâmica e que desta postura ideológica decorre inadequada análise dos dados linguísticos. Dentre os estudiosos que compartilham essa visão, Francisco Javier Simonet (1829-1897), chega a procurar no moçárabe interferências ibéricas ou latinas, como se negasse a reconhecer-lhe traços tomados do árabe, invertendo o papel de prestígio social do conquistador face ao conquistado e da direção mais provável do influxo (CORRIENTE, 1996, p. 2). Por outro lado, em sua análise, Corriente (1996) verifica que o avançado desenvolvimento técnico-científico dos árabes e o refinamento que caracterizam os califados, por exemplo, chamam a atenção de pesquisadores, como R. Dozy, os quais creditam ao árabe a fonte de diversos costumes ocidentais, linguísticos ou não. Por esse motivo, na revisão do Dictionnaire de Engelmann, realizada por Dozy, o número de arabismos é ampliado significativamente por vocábulos que verdadeiramente não o são.

Atualmente compreende-se a amplitude da influência árabe na cultura ibérica medieval resultante da condição política do dominador, reforçada pelo efetivo avanço em diversas áreas. Para Faulstich e Carvalho (2007), a literatura linguística que explica a presença do árabe nas línguas românicas e, particularmente, na língua portuguesa, reduz a interferência árabe, nos léxicos românicos, a campos léxicos pontuais, relativos ao vocabulário de natureza político-social, agrícola, toponímica, científica, de pesos e medidas etc. Não apenas no vocabulário erudito ou de emprego meramente histórico, mas, também, no vocabulário cotidiano de seus falantes, é abundante o uso corrente de vocábulos de origem árabe arrolados ao português brasileiro, conforme ilustra o texto proposto por Chediak (1972, p. 86-87):

Uma história. Suponhamos, primeiramente, um casal com um filho, em algum lugar do Brasil. Altair, recém-casada, mora nos arrabaldes ou arrebaldes de uma aldeia do interior, põe o seu vestido de chita e o xale. Pega o garoto, um azougue de menino, lava-o e passa-lhe talco. Se o garoto tosse, dá-lhe uma colher de xarope, empapa o algodão em cânfora ou alcânfora e faz massagem nas suas costas. Vai à cisterna, prende a azêmola na argola da manjorra, põe água na modesta jarra. Vai fazer café e adoça-o com saboroso açúcar-cândi. O marido, um melueluco, conhecido pela alcunha Boca-Torta, bem cedinho, já se levanta com alguns achaques-enxaqueca, põe as ceroulas (no interior muita gente ainda as usa), o terno cáqui, bem lavadinho com anil, toma um trago de conhaque de alcatrão São João da Barra ou, se não o tem, vai ao alambique, sorve um gole de jeropiga. Toma a tarrafa e vai pescar no açude. Outras vezes, prefere caçar javali; limpa o azinhavre da espingarda de grosso calibre, sai com o fraldigueiro chamado Sultão e volta com algumas arrobadas de carne às costas. À hora do almoço, Altair lhe traz umas azeitonas. Senta-se com ele, e principiam uma salada de alface bem regada a azeite. Vêm depois o espinafre, a cabidela, a carne ou peixe escabeche, ou com alcaparra, que ingere com arroz bem soltinho. Ela lhe oferece um prato com acelga ou celga, que rejeita. Prefere alcachofra, por causa do fígado. Vai tomando refresco de tamarindo. À sobremesa, uma boa laranja seleta. Terminado o almoço, descansa, recostando a cabeça na almofada. A casa é modesta, de adobe, mas o alicerce é firme. As janelas não têm alizares. Num pequeno jardim, florescem açucenas ou cecéns e alecrim. Depois da sesta, sai a trabalhar. Mete algum dinheiro na algibeira, algum alimento no alforje e segue para o campo. Tem alguns alqueires de terra. De volta, pára no alfaiate para experimentar um terno. Depois, entra no armazém para algumas compras. Muita gente. Azáfama. À saída, um pobre, cheio de salamaleques, pede-lhe esmola. Não é um nababo, mas também não é um mesquinho. Dá-lhe uns níqueis. Um troço de policiais, com vistosos dólmans, passa ao som de tambores, caminho do aljube. É o reforço que chega. A região foi invadida por uma cáfila

de assaltantes. O mameluco tira o chapéu. Passa um ataúde a caminho do cemitério. E retorna à casa.<sup>2</sup>

A presença de numerosos arabismos nas línguas românicas hispânicas e, particularmente, no português, permitiu que se distingam de suas outras irmãs românicas. Esse elevado número de arabismos justifica a propriedade da metáfora *aluviação lexical árabe*, proferida por Piel (1989, p. 12 e 13). Para o autor, o superestrato árabe revelou ser incomparavelmente maior em relação aos demais dominadores da região, uma vez que compreende todos os setores da vida material. Define que por 'arabismos' devem ser entendidos também vocábulos originalmente não árabes, isto é, ocidentais, berberes etc., incorporados no léxico dos muçulmanos peninsulares.

Há trabalhos sobre influência árabe no vocabulário português publicado no Brasil e em Portugal, para os quais, segundo Vargens (2005), alguns não possuem rigor científico, outros são importantes para a lexicografia do português. Entre as contribuições dos lusitanos lexicógrafos, o autor cita os nomes de Carolina Mickaelis, Manuel Augusto Rodrigues, José Domingues e Dias Farinha. No Brasil, os nomes destacados são João Ribeiro, José Chediak, Antônio Faris Mickaele, Rubem Franca e Miguel Nimer. Há trabalhos relevantes realizados no Brasil, como o já citado Nimer (1998), por exemplo, que não se limitou ao estudo dos termos portugueses de origem árabe, vai além, preocupando-se, também, com os termos gregos, latinos, persas, turcos, hebraicos, fenícios, arameus e siríacos, os quais entraram na língua depois de arabizados. Composto por setecentas e sessenta e cinco unidades léxicas, o léxico organizado pelo autor é precedido por capítulos introdutórios que explicam aspectos da morfologia do árabe, especialmente no que concerne às raízes trilíteras e a tipologia de afixos própria das línguas semíticas.

Um esforço na construção da filologia portuguesa é sugerido por Silva (1997a, 1997b), documentado no 'Vocabulário português legado pelos árabes', envolvendo 959 termos, excluídas as variantes e os termos insuficientemente

---

<sup>2</sup> Segundo Vargens (2007, p. 12), há controvérsias entre alguns autores quanto à etimologia árabe de alguns vocábulos como *cabidela*, *cáqui*, *chita*, *jeropiga* e *troço*.

justificados pelos filólogos e etimólogos, entre esses, todos os topônimos e antropônimos. O autor revela que os arabismos entraram para o português em épocas e de maneiras bem diferentes. Muitos passaram por diversos países e foram acolhidos em dicionários brasileiros com sua forma bastante alterada com respeito a sua origem. Outros foram adotados primeiramente pelos árabes como 'vocábulos de civilização' e divulgados no Oriente com as ciências, artes e técnicas greco-românicas, chegando ao português mais tarde. Silva (1997a) tece importantes considerações acerca das características da construção árabe, facilmente observáveis no vocabulário de origem árabe. Alguns vocábulos possuem *x*- inicial, como é o caso de: xá, xadrez, xairel, xaque, xará, xarque, xeique, xerife, xarifa, xaroco, xarofa, xarope, xaveco, xeique, xiita etc, e influenciaram nos representantes de numerosos termos latinos com *ex*-, como: enxame, enxuto, enxada, enxó, enxugar, enxúndia e enxofre. Outros vocábulos iniciam com *enx*-, como os seguintes: enxaqueca, enxadrez, enxarope, enxávena, enxeco, enxoval, enxovia etc. Um grupo numeroso de vocábulos se caracteriza pela terminação, entre essas estão os termos que terminam com *í* tônico: aleli, alfarqui, alizari, arabi, bafari, carmesi, garabi, haji, huri, javali, maçari, muçurumi, rafadi etc. Em muitos casos, o sufixo *í* é transformado em *i*: adail, aguazil, alcil, alvazil, anafil, anil, arrabil, candil, cordovil, granadil, manchil, maravedil, marroquil etc. E há casos em que o sufixo *í* muda para *im*: .alabardim, alecrim, alfenim, alfolim, alfonsim, anexim, benjoim, borzeguim, cansim, carmesim, celamim, cetim, gergelim, haquim, jasmim, marfim, mirabolim, muslim, muezim, talim etc. Além desses, há casos de palavras que terminam em sílabas como afe, -afre, -efe ou -aque, que não são empregadas em final de vocábulos latinos.

Os arabismos do português estão distribuídos em diversos campos semânticos, segundo a perspectiva assumida por diferentes estudiosos. Considerando os campos citados por Elia, 2004, Faulstiche e Carvalho (2006), Houaiss (1986), Mattos e Silva (2003), Silva Neto (1988), Vargens (2007) e Vasconcelos (1956), apresentamos o léxico em pauta nos campos semânticos:

- a) vocabulário de natureza político-social: *alcaide, alferes, almoxarife, alfândega* etc.;
- b) vocabulário comum: *alcova, argola, alicate, alfaiate* etc.;
- c) vocabulário de técnicas e agricultura: *açafrão, açude, alecrim, alfazema, algodão, almuinha, safra, sega tamarindo* etc.;
- d) vocabulário de frutos: *laranja, lima, limão, tâmara* etc.;
- e) vocabulário de pesos e medidas: *alqueire, arrátel, arroba, quintal* etc.;
- f) vocabulário de alimentos: *açorda, açúcar, aletria, almôndega, arroz* etc.;
- g) vocabulário de toponímia: *Alfama (refúgio), Alcântara (ponte), Almada, (mina)* etc.;
- h) vocabulário de guerra e vida militar: *alferes, algema, almirante, arrais, arsenal, bodoque, calibre, refém* etc.;
- i) vocabulário de indústria e comércio: *açougue, alambique, armazém, azenha, azêmola*;
- j) vocabulário de administração e finanças: *aduana, alfândega, alvará, aval, leilão, tarifa*;
- k) vocabulário de profissões: *alfaiate, almoxarife, magarefe*;
- l) vocabulário de ciências, técnicas e artes: *algarismo, álgebra, zero, aharque, elixir, enxaqueca, nuca, xarope, alquimia, alaúde, atabaque, atambor, axabeba, cifra*;
- m) vocabulário de vestuário: *babuche, alfarda* etc.;
- n) vocabulário de habitação e vida doméstica: *alcova, alicerce, almofada, andaime, azulejo, chafariz, divã, sagão, sofá, taça, taipa*;
- o) vocabulário de fauna: *anta, atum, gazela, girafa*;
- p) vocabulário de jogos: *xadrez*;
- q) vocabulário de compartimentalização espacial e acidentes geográficos: *aldeia, arrabalde, bairro, rincão*;
- r) vocabulário religioso: *imame, ulemá, mussurumim, islame, jihad, mesquita, minarete, moçafo, tecebá*;
- s) vocabulário culinário: *almôndega, cuscuz, açorda*, etc.

Com o passar dos séculos, o árabe e o português restabeleceram suas relações, no caso que queremos ressaltar aqui, no interior de terras brasileiras, onde se verificou a relação entre o árabe como língua minoritária e o português em seu status de língua dominante. Esse fato concretizou-se de forma marcante em dois momentos históricos distintos, apresentados nos tópicos seguintes.

### **A influência afro-muçulmana: os escravos malês**

No decorrer dos séculos XVIII e XIX, o tráfico de escravos viabilizou a entrada de diversas nações africanas no interior do Brasil, permitindo a emergência de um processo em vários graus de interação étnica e cultural. Muitas línguas e diferentes dialetos africanos adentraram as terras brasileiras constituindo uma efervescente situação de contato linguístico. Houais (1922) afirma que o total de línguas proeminentes da África representava um total nunca inferior a 20% das línguas da África, aproximadamente de 300 a 400 línguas, com falantes por todo o território brasileiro. Entre as diferentes línguas e dialetos falados por escravos africanos, é possível citar o *haussá*, *nagô*, *jêgeminá*, *iorubá*, *banto*, *quimbundo*, *mandinga*, *nupe ou tapa*, *ewe*, *fon*, *uolote*, *axante*, *umbundo*, entre outras.

A questão do influxo dessas línguas africanas no português do Brasil é vista por Pessoa de Castro (2006) mais como objeto do silêncio do que motivo da atenção de linguistas e filólogos. Na discussão sobre o reconhecimento das línguas africanas na constituição histórica do português brasileiro, a autora declara que a resistência quanto ao tratamento de temas associados às línguas africanas no país começa pelo prestígio atribuído à escrita em detrimento da oralidade, a partir de uma visão ocidental que sempre privilegiou o ler e escrever diante da não menos importante arte de falar e ouvir. Também importa lembrar que em decorrência do parâmetro que se colocou para povos que possuem uma forma de escrita literária e povos que se servem da tradição oral, esses últimos acabam por serem vistos como portadores de uma cultura

inferior ou mesmo sem qualquer tipo de cultura. Dessa perspectiva derivou uma crença de que as línguas de tradição oral não poderiam influir em uma língua de reconhecido prestígio literário como a língua portuguesa (PESSOA DE CASTRO, 2006, p. 95).

Em virtude desse pensamento vigente, a presença dos africanos escravos escolarizados destacou-se em relação aos demais na sociedade baiana escravocrata do século XVIII. Genericamente conhecidos pelo nome de 'malês,' termo que identificava os africanos muçulmanos escolarizados, esses escravos encontraram-se em um centro urbano que lhes permitiu uma relativa liberdade, o que facilitava suas relações interpessoais, numa condição favorável à promoção de levantes. Segundo Reis (1988), entre os anos de 1807 e 1835, esses escravos lideraram uma rebelião de caráter racial, contra a escravidão e a imposição da religião católica, traçando todos os planos da rebelião no idioma árabe. Dentre as diversas nações de escravos muçulmanos, Freire (1933), Rodrigues (1945) e Reis (1988) destacam os haussás como os escravos mais intelectuais entre os colonos, mentores de revoltas, sendo também os introdutores do islamismo entre os demais. Em grande número na Bahia, os haussás puderam exercer vigorosa influência cultural<sup>3</sup> sobre a vida cotidiana, devido à posições específicas na distribuição ocupacional dos africanos em Salvador, trabalhando nas ruas da cidade como comerciantes ambulantes de produtos como fumo, especiarias e tapetes.

Apesar da exiguidade de registros sobre as línguas faladas pelos escravos no Brasil, os trabalhos desses autores se constituem como marcos históricos da presença da língua árabe, posto que oferecem elementos importantes para que se retracem as relações de coexistência entre o árabe e o português no país. Tomando, pois, tais obras como referencial teórico, vê-se que o árabe era a língua conhecida por um pequeno grupo social e sem

---

<sup>3</sup>Os escravos haussás influenciaram, à época, vários aspectos da cultura regional brasileira. Na culinária, por exemplo, Gilberto Freyre (1933) apresenta minuciosamente o preparo do 'arroz de Haussá': 'O arroz-de-aucá é outro quitute afro-baiano que se prepara mexendo com colher de pau o arroz cozido em água sem sal. Mistura-se depois com o molho em que entram pimenta-malagueta, cebola e camarão: tudo ralado na pedra. O molho vai ao fogo com azeite-de-cheiro e um pouco de água' (FREYRE, 1933, p. 367).

qualquer prestígio cultural ou socioeconômico e seu uso na oralidade restringiu-se à dimensão religiosa. Como se sabe, os escravos eram trazidos, forçadamente, de seu país de origem para o trabalho escravo, concentrado em certas em certas regiões do país, mais especificamente, a Bahia. Devido às limitadas condições de vida a que eram submetidos os escravos na época, esses falantes eram excluídos de muitos direitos, inclusive, o direito de falar em público, do que resultou um contato limitado entre a língua e o falante nativo. Da mesma maneira ocorreu na escrita, uma vez que os registros de produções linguísticas no árabe se devem, em geral, às reproduções de versos corânicos, orações islâmicas e amuletos. Também não há evidências de descrições de uso cotidiano de uma variável diatópica do árabe entre os escravos africanos no Brasil, o que dificulta uma caracterização mais clara da relação entre as duas línguas nessa ocasião do contato.

Ainda que esses africanos islamizados possuíssem uma 'competência linguística' limitada no idioma árabe, posto que seu conhecimento se restringisse a copiar orações corânicas em caracteres árabes e decorá-las, mediante processos de memorização, há um consenso sobre a 'literalidade' dos escravos malês em relação aos demais africanos. Entretanto, de uma maneira ou de outra, na esfera da vida privada e cotidiana em que o religioso se estende, o vocabulário representativo da prática islâmica afluía no português falado pelos escravos, como forma de expressar seus ideais de fé.

Os arabismos introduzidos no português do Brasil por escravos afro-muçulmanos encontram-se registrados no Glossário de Vargens (2006) perfazendo um total de vinte e cinco unidades léxicas, apresentadas a seguir no interior de dois campos semânticos:

### **1. Campo semântico 'Religião'**

- a) Orações islâmicas: *açubá, adixá, aiassari, ailá.*
- b) Ministros de culto religioso: *alicali, alufá, lemano.*
- c) Crente: *amim, malê, mussurumim.*
- d) Templo: *djema, maçalami.*

- e) Entidade: *aligenun*.
- f) Objetos litúrgicos: *tecebá*.
- g) Preceitos: *assumi, azaca, jihad, sacá*.
- h) Saudações e locuções interjetivas: *barica da suba, bissimilai, Maneco lassalama, sala, maleco*.

## **2. Campo semântico 'Culinária'**

- a) alimento: *aluá*.

O escopo acima revela que os arabismos introduzidos no português brasileiro pelos escravos muçulmanos integram apenas dois campos semânticos, isto é, religião e culinária, verificando absoluta assimetria na distribuição entre eles. O campo religioso subdivide-se em oito microcampos, ao passo que o campo da culinária registra apenas um vocábulo designativo de alimento.

O caráter ritualístico do árabe praticado entre os escravos africanos resultou em sua perda a partir da 'criminalização' do islamismo, por conta da revolta liderada pelos malês, e da sua língua de expressão e veiculação. Dessa feita, o contato árabe-português no período da escravidão no Brasil, se já não se caracterizava pela diglossia, acabou por desaparecer, até que o fluxo imigratório de sírios e libaneses ocorrido recentemente possibilitou o reencontro das duas línguas no país, iniciando um novo capítulo dessa história.

### **A influência dos imigrantes sírios e libaneses**

O segundo fato histórico que revela o contato entre o árabe e o português ocorreu mais recentemente com o fenômeno de correntes imigratórias de sírios e libaneses, no final do século XIX, estabelecendo uma nova etapa da história de interações entre as línguas. A imigração libanesa, particularmente, desenvolveu-se em um movimento característico que marcou sua trajetória no panorama mundial, quando muitos cidadãos libaneses viram-

se impulsionados, sobretudo, por pressões demográficas e econômicas em sua terra de origem. Conforme Knowlton (1995), o processo de imigração no Brasil deu-se em uma conjuntura econômica e política de estímulo destinado à colonização e ao povoamento das terras brasileiras.

Ao chegarem ao Brasil, os imigrantes libaneses mostraram sua natureza versátil e sociável, habituados a conciliar antagonismos em sua terra de origem, esses encontraram facilidade de integrar-se às novas situações. Dedicaram-se à atividade temporária da mascateação, comercializando, nos campos e nas praças, diversos tipos de mercadoria. A profissão configurada pelo ofício de mascate foi fundamental na definição da imagem que os brasileiros ainda fazem do grupo imigrante libanês e serviu de instrumental para a ascensão social tanto de cada indivíduo como do próprio grupo. Não obstante, a profissão de mascate oferecia as vantagens imediatas de dispensar qualquer habilidade ou soma significativa de recursos, além de não exigir mais do que o saber rudimentar do português e possibilitar a acumulação de capital. Alguns anos mais tarde, o caminho natural foi a abertura de lojas no ramo de tecidos e armarinhos. Conforme Gattaz (2005), Knowlton (1995) e Truzzi (1997), no início da década de vinte, muitos imigrantes libaneses deixaram o ramo de tecidos e armarinhos, fosse no comércio ambulante, como mascates, fosse como lojistas. Alguns passaram a comercializar tapetes importados, enquanto outros reorganizaram suas atividades com o objetivo voltado para quitandas e bazares. Com a finalidade de tornarem-se proprietários de pequenas empresas, o caminho a percorrer, muitas vezes, envolvia algumas variantes.

Em busca de melhores condições de trabalho, distribuíram-se por diferentes regiões do país, mascateando toda sorte de mercadorias e, posteriormente, estabelecendo comércios em pequenos e grandes centros (GATTAZ, 2005). Os primeiros libaneses a chegar foram os cristãos. Embora viessem os homens sozinhos ou solteiros, nunca abandonaram a ideia da família patriarcal ou família numerosa. À medida que os negócios prosperavam, buscavam a esposa, os filhos, os pais e demais membros que lhes interessassem.

Para preservar os laços culturais, em determinados finais de semana, feriados ou dias santos, os primeiros imigrantes cristãos organizavam reuniões em piqueniques com amigos e familiares. Na vasta mesa montada sobre a relva, uma das características da cultura libanesa era expressamente vista: a presença abundante de variados pratos típicos, acompanhados do pão árabe, potes de coalhada, frutas e doces. Depois de fundarem os primeiros clubes sociais, todas as comemorações e festas típicas eram realizadas lá, com muita comida, bebida e danças. Já os libaneses muçulmanos, mais voltados à manutenção dos laços culturais mediante a prática religiosa, reuniam esforços na construção de mesquitas islâmicas em diversas cidades do país, no ensino do árabe e na prática de casamentos endogâmicos entre os membros do grupo.

Um fator conflitante, insistentemente presente, ainda hoje, causador de desconforto para muitos imigrantes libaneses, diz respeito à questão histórica de sua identidade. Segundo Knowlton (1995), na época aproximada de 1860, o império otomano exercia severo domínio sobre uma vasta região oriental, localizando-se em diversos países, dentre os quais, o Líbano. Desta maneira, os indivíduos libanêses que emigravam para outros países eram portadores de passaportes fornecidos por autoridades turcas. Independentemente de terem sua verdadeira procedência declarada, eles eram considerados *turcos*, por ser a Turquia o país que lhes conferia permissão oficial para viagem. Qualquer imigrante oriundo de qualquer país árabe era chamado de turco, fosse egípcio, argelino, persa, palestino, sírio etc. Todavia, atualmente parece haver uma tendência, por parte dos brasileiros, em distinguir os libaneses dos imigrantes de outros países árabes.

Todavia, com o passar do tempo, o intenso entrelaçamento das culturas libanesa e brasileira, manifestado através do uso da língua, resultou no fenômeno de interferência no vocabulário das línguas, principalmente na oralidade. Esta situação típica de línguas de contato, somada às dificuldades de uma aprendizagem linguística informal e, ainda, aos fatores sociais aí implicados, foi o ponto de partida para a geração de um dialeto peculiar desta comunidade, que mais tarde a caracterizaria de forma estigmatizada em toda a

pátria acolhedora. Não obstante, a notável integração e o amistoso desenvolvimento entre as culturas incidiram em um convívio fraterno, gerando muitas trocas e contribuições, as quais estão nitidamente refletidas em vários segmentos da cultura brasileira, como a literatura, a arquitetura, a medicina, a gastronomia, etc.

Importa destacar que um dos fatores que possibilitou a influência e a difusão de termos árabes no vocabulário português foi a ocupação espacial da imigração libanesa no país, a qual apresenta singular diferença em relação aos demais grupos de imigrantes, como os alemães, japoneses, ucranianos etc. Estes estabeleceram-se, isoladamente, em áreas geográficas denominadas 'colônias' abrindo espaços para o desenvolvimento de 'ilhas linguísticas.' Os libaneses, ao contrário, como já foi mencionado, por terem suas atividades ligadas ao comércio, chegaram ao Brasil e embrenhando-se pelos campos e em diferentes centros espalhados do país, imprimindo suas marcas léxicas na língua acolhedora e, inversamente, permitindo-se por ela influenciar.

O intenso contato entre essas línguas, experimentado em um período de aproximadamente cento e trinta anos de imigração, reintroduz no interior do léxico do português brasileiro diversos vocábulos do árabe. No léxico português de origem árabe sistematizado por Vargens (2007), encontram-se apenas doze vocábulos exclusivamente do campo culinário, não se verificando em outros campos semânticos. Estes vocábulos são: *baba hanuche, beleua, cafta, esfiha, falafel, homos, laban, labna, mijadra, quibe, tabule e tahine.*

Entretanto, os arabismos chamados 'vocábulos de civilização' constituem um grande número desses termos, não restringindo no limitado conjunto acima a contribuição árabe dos imigrantes libaneses, ao contrário, esses arabismos estão profundamente enraizados na linguagem popular de todos os recantos do Brasil. Como já foi mencionado, o influxo do árabe sobre o português brasileiro, viabilizado pelos imigrantes libaneses, ainda está por analisar e, oportunamente, chamamos a atenção para o contexto de nossa investigação sobre a interferência do árabe no português falado pela comunidade bilíngue de imigrantes libaneses.

Na compreensão sobre o comportamento da interferência, Weinreich (1953) afirma que o fenômeno<sup>4</sup> resulta da ação de duas forças opostas representadas por fatores de estímulos e fatores de resistência, sendo que ambos podem ser de natureza linguística ou não linguística. Nessa direção, verifica-se que a influência do árabe sobre o português ocorre em consequência da ação de duas forças contrárias que duelam entre si. Partindo de fatores linguísticos, consideramos que as lacunas vocabulares no português brasileiro servem como estímulos de interferências do árabe, e a existência de palavras para expressar os valores socioculturais dos falantes bilíngues atue como um fator de resistência. Quanto aos fatores extralinguísticos,<sup>5</sup> supomos que a inadequação de vocábulos para expressar, por exemplo, nomes de receitas culinárias ou termos religiosos, exerçam força estimuladora para interferências. Já os fatores de prestígio do idioma árabe e, fundamentalmente, a prática da religião islâmica, atuam como resistência na incidência do fenômeno.

Do ponto de vista estrutural de ambos os sistemas linguísticos, sabemos que não apenas a interferência léxica, como, também, a fonético-fonológica e a morfossemântica têm como 'estímulo' as diferenças e as semelhanças entre as duas línguas, e como 'resistência,' a estabilidade que esses mesmos sistemas exercem um sobre o outro. Não obstante, ainda que os resultados sejam limitados, uma vez que a análise se encontra numa fase de desenvolvimento,

---

<sup>4</sup>Weinreich (1953) debruça sobre as estruturas linguísticas e as suas relações com diversos casos de interferência que resultam do contato de línguas nos indivíduos bilíngues. Weinreich (1953, p. 5) define os fatores linguísticos como aqueles que provêm da organização das formas linguísticas no interior de um sistema definido, diferentes em cada idioma e em grau independente da experiência e do comportamento não-linguísticos dos falantes. Já os fatores extralinguísticos originam do contato entre duas línguas com aspectos do mundo externo e das relações dos falantes com múltiplos valores simbólicos.

<sup>5</sup>Os fatores extralinguísticos podem ser de diversas naturezas, entre os mencionados por Weinreich (1953, p. 5), relacionamos aqueles de natureza social: a. o tamanho do grupo bilíngue; b. a homogeneidade ou heterogeneidade sociocultural; c. o predomínio de indivíduos bilíngues com características marcantes de comportamento de fala nos diversos grupos; d. as atitudes estereotipadas em relação a cada língua; e. as atitudes em relação a cultura de cada comunidade de língua; f. as atitudes em relação ao bilinguismo em si; g. a tolerância ou a intolerância em relação à mistura de linguagem e aos usos incorretos em cada língua; h. a relação entre o grupo e cada uma das comunidades linguísticas que constitui a totalidade da sociedade.

eles indicam que diversas palavras do árabe circundam o português brasileiro há mais de cento e trinta anos (data da emigração) e podem chegar às vias de integração na língua.

Isso considerado, com o intuito de ilustrar o que temos declarado, apresentamos uma mostra dos arabismos registrados no *corpus*, originados a partir de mecanismos de interferência linguística entre o par de línguas. Tendo em vista a típica culinária libanesa, conhecida pelo sabor e aroma de seus pratos, apresentamos os arabismos representativos do subcampo 'condimentos', seguidos de definição.

- *Áala* (s.m.) *macis*
  - ❖ Especiaria de sabor amadeirado, levemente amargo, em formato de renda avermelhada, que é liberada pelo fruto que dá a semente de noz- moscada. Usada em pó, no preparo de doces, salgados e na fabricação de xaropes e licores.
  
- *Áatar* (s.f.) *essência de malva-rosa*
  - ❖ Essência em forma de água, extraída da flor da malva-rosa e utilizada para aromatizar caldas de doces, salgados e recheios.
  
- *Baadúnis* (s.f.) *salsinha*
  - ❖ Erva com flores miúdas, talos finos de cor verde-escuro, aroma e sabor agradáveis, usada para tempero de diversas receitas. Junto com a cebolinha de folhas comestíveis, formam o "cheiro-verde."
  
- *Baalat* (s.f.) *zimbro*
  - ❖ Fruta pequena de sabor picante, levemente adocicada, de cor roxa, formato redondo, que é usada, amassada, para temperar legumes em conserva e como ingrediente no preparo de bebidas e licores.
  
- *Bahar* (s.f.) *pimenta síria*
  - ❖ Mistura de várias especiarias moídas, como pimenta da Jamaica, canela, pimenta do reino preta e branca, noz-moscada e cravo em pó, usada como tempero para carnes e receitas variadas.
  
- *Baharat* (s.f.) *baharat*
  - ❖ Pó extraído das sementes secas de pimentas de várias espécies, de sabor suave que lembra uma combinação de cravo, canela e noz moscada, e é usada no tempero de receitas doces e salgadas.

- *Chamró (s.f.) erva-doce*
  - ❖ Planta cujas folhas, sementes e bulbo são utilizados na preparação de chás, licores e destilados; as sementes pequenas, de cor esverdeada, de sabor adocicado são utilizadas na preparação de massas e doces e o bulbo é usado cru, na preparação de saladas.
  
- *Chilchi halawi (s.m.) xarope de tamarindo*
  - ❖ Líquido concentrado de sabor ácido e frutado, levemente amargo, extraído da vagem do tamarindo e usado para temperar sopas e cremes em geral.
  
- *Chimichurri (s.f.) chimichurri*
  - ❖ Mistura de ervas e temperos variados, encontrada seca ou combinada com azeite de oliva e vinagre, usada como tempero específico para assados e grelhados.
  
- *Chumrat (s.m.) feno grego*
  - ❖ Erva de caule ereto, com flores brancas ou amarelas coladas na parte inferior das folhas e que produz uma vagem achatada, com sementes ovóides de cor amarelada, usadas, em pó, para tempero de recheios e receitas variadas.
  
- *Fanília (s.f.) essência de baunilha*
  - ❖ Essência aromática em forma de água ou óleo, de sabor doce e delicado, de cor marrom escuro, extraída de grãos minúsculos da fava de planta da América Central. É usada no preparo de doces, massas e sorvetes.
  
- *Fulful mathun (s.f.) pimenta-do-reino*
  - ❖ Grão de bagos de planta tropical, de formato arredondado, usado como tempero, inteiro ou em pó, apresenta variação de cores conforme diferentes tempos de colheita e de processos de secagem.
  
- *Fulful ábiad (s.f.) pimenta-do-reino-branca*
  - ❖ Grão de bagos de pimenta-do-reino colhido bem maduro, de cor branca, sabor muito picante e usado inteiro ou em pó, mais por estética do que por sabor.
  
- *Fulful ahdar (s.f.) pimenta-do-reino-verde*
  - ❖ Grão de bagos da pimenta-do-reino, colhidos antes da maturação, de cor verde, sabor menos picante e mais frutado, usado inteiro, em pó e em conserva para receitas de peixes, molhos e cremes.

- *Fúlful ássuid* (s.f.) *pimenta-do-reino-preta*
  - ❖ Grãos de bagos de pimenta-do-reino colhidos antes da maturação e seco ao sol, de cor preta e sabor picante, usados inteiros ou em pó como tempero de várias receitas.
- *Hábet elhel* (s.m.) *cardamomo*
  - ❖ Semente com aroma de eucalipto, sabor picante e levemente frutado e usada para aromatizar café.
- *Hárdel árabi* (s.f.) *mostarda*
  - ❖ Tempero de cor amarelada, sabor picante, extraído de pequenas sementes de cor amarela da mostardeira e usado em pó ou em pasta, no tempero de diversos pratos salgados.
- *Janjabil* (s.m.) *gingibre*
  - ❖ Rizoma da planta chamada Gengibre, de cor amarelo-clara, sabor refrescante e aroma marcante. É usado, fresco, no preparo de bebidas quentes, em saladas, e em pó, como condimento para diversas receitas doces e salgadas.
- *Jauz táib* (s.f.) *páprica*
  - ❖ Tempero em pó, de cor avermelhada, de sabor doce ou picante, obtido da moagem da polpa seca de pimentões vermelhos, doces e picantes, usada para temperar carnes e saladas.
- *Kerf* (s.f.) *canela em pó*
  - ❖ Pó aromático, de cor escura e sabor quente, usado como tempero na preparação de pratos doces e salgados.
- *Uára elhár* (s.m.) *louro*
  - ❖ Planta aromática, cujas folhas esverdeadas e brilhantes, de sabor levemente amargo, são utilizadas, frescas, secas ou em pó, como tempero para carnes, conservas e outros.
- *Máhlebi* (s.m.) *máhlebi*
  - ❖ Grão pequeno, de sabor e aroma marcantes, encontrado dentro da semente da cereja-brava e usado em pó para aromatizar doces.
- *Mai záhar* (s.f.) *água-de-flor-de-laranjeiras*
  - ❖ Essência aromática extraída da flor de laranjeira, em maceração e usada especialmente para aromatizar caldas de doces.
- *Mai ward* (s.f.) *água-de-rosas*

- ❖ Essência aromática extraída das pétalas da rosa, por destilação a vapor e usada especialmente para aromatizar a calda de doces e bolos.
- *Mástic (s.f.) mastique*
- ❖ Especiaria em forma de resina, de cor amarelo clara, com superfície farinácea, usada como aromatizante para bebidas e licores.
- *Mint (s.f.) essência de menta*
- ❖ Óleo fino e aromático, de cor esverdeada, sabor refrescante, extraído da menta e usado para aromatizar bebidas, licores e determinadas receitas.
- *Misk (s.m.) misk*
- ❖ Resina vegetal, em forma de pedra transparente, de aroma agradável, extraída de árvore típica do Oriente e usada para aromatizar doces e sorvetes.
- *Náana (s.f.) hortelã*
- ❖ Erva aromática rasteira, de sabor intenso e refrescante, com folhas pequenas e opostas, de cor verde, de tamanho oval e com as extremidades serrilhadas. Usada em chás, aromatizantes de licores e bebidas, e como tempero, é ingrediente imprescindível no preparo do quibe e do tabule.
- *Náana Yêbsi (s.f.) hortelã seca*
- ❖ Pó grosso, de cor verde escuro, obtido da folha de hortelã seca à sombra, que é amassada com a mão e usada como tempero para saladas, coalhadas e pickles.
- *Sábaa bharat (s.f.) sete pimentas*
- ❖ Mistura preparada com a semente de sete tipos de pimentas usadas especialmente no preparo de carnes e recheios.
- *Sumak (s.m.) sumake*
- ❖ Pó avermelhado de gosto bastante ácido e usado como substituto do limão em pratos e saladas.
- *Tahine (s.m.) tehine*
- ❖ Pasta concentrada, de cor clara, consistência firme, preparada à base de semente torrada de gergelim e usado para temperar molhos, pastas, legumes e carnes.

- *Zátar* (s.f.) *tomilho*
  - ❖ Erva aromática com folhas pequenas e finas de cor verde, usada fresca ou seca, separadamente como tempero, ou na composição de outras misturas.
  
- *Yansum* (s.m.) *anis*
  - ❖ Semente aromática de sabor adocicado, obtidas de planta oriental, com folhas pequenas e flores brancas que dão origem a pequenos frutos ovais de cor marrom. As folhas são usadas no preparo de sopas, saladas e peixes, e as sementes para aromatizar massas, licores e bebidas.
  
- *Yansun áhdar* (s.m.) *anis-estrelado*
  - ❖ Especiaria aromática tirada de arbusto oriental, de casca acinzentada, que tem o formato de estrela de oito pontas, com uma semente oval, brilhante e de cor marrom. É usado, em pó, no preparo de pratos doces e na produção de licores e bebidas.
  
- *Zafarán* (s.m.) *açafrão*
  - ❖ Pó de cor amarela, aroma e sabor marcantes, obtido dos pistilos secos de cor alaranjada do açafreão. É usado como tempero de pratos salgados e corante natural.
  
- *Záatar* (s.f.) *zátar*
  - ❖ Mistura de várias especiarias secas e moídas como sumake, zátar, semente de gergelim torrada, tomilho e orégano, de cor verde escura, usada como tempero para quibes, queijos e receitas variadas.
  
- *Zauba* (s.f.) *zauba*
  - ❖ Erva de folhas verdes, de intenso aroma e sabor levemente amargo, usada seca ou fresca como tempero único ou na composição de outros temperos, como a mistura de zátar.

Além dos arabismos desse subcampo semântico, temos encontrado vários outros distribuídos em vários campos e microcampos, em fase de organização em um Glossário de Arabismos da Imigração Libanesa no Brasil, cujo objetivo central é a comprovação da hipótese inicial da pesquisa que sustenta a interferência do árabe sobre o português produzido por imigrantes libaneses, caracterizada por um processo em contínuo desenvolvimento, estimulada por fatores de natureza linguística e extralinguística.

## Considerações finais

O contato de línguas e, conseqüentemente, a permeabilidade de unidades léxicas de um sistema línguístico no interior do outro revelam as vicissitudes específicas à condição particular vivenciada pelos falantes e envolvem a influência conjunta de fatores linguísticos e extralinguísticos. Os contatos entre o árabe e o português brasileiro em distintos momentos históricos desencadearam o fenômeno de interferência, viabilizando a entrada de diversos vocábulos do árabe no português.

Considerando o léxico de origem árabe proposto por Vargens (2007), dos 769 arabismos registrados como entrada, 25 foram legados pelos escravos muçulmanos ditos 'malês,' perfazendo 3, 25% dos arabismos documentados, pertencendo a quase totalidade ao campo religioso. No que concerne aos arabismos introduzidos no português pelos imigrantes libaneses, o autor registra apenas 12, o que corresponde a 1, 56 % do total de arabismos reunidos na obra, todos eles integrados ao campo semântico da culinária.

Entretanto, a escassez de pesquisa na área impossibilita conhecer se há outras contribuições léxicas decorrentes dessa imigração. Evidencia-se, assim, ainda constituir o tema 'arabismos do português brasileiro' instigante objeto de pesquisa à espera de estudiosos que se debrucem sobre o mesmo.

## Referências

AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela*. Rio de Janeiro: Record, 1994.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

CHEDEIAK, Antônio. Aspectos da influência árabe na língua portuguesa. *Revista da Liga dos estados árabes*. Rio de Janeiro, 1972.

CORRIENTE, Frederico. *Diccionario de arabismos y vocês afines em iberorromance*. 2. ed. amp. Madrid: Gredos, 2003.

\_\_\_\_\_. Novedades en el estudio de los arabismos em iberorromance. *Revista Española*, n. 26, v. 1, p. 1-13, 1996.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

ELIA, Silvio. *Preparação à linguística românica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

FAULSTICH, Enilde. e CARVALHO, Elzamária Araújo Carvalho. Aspectos de herança da língua árabe na língua portuguesa: pontos de Terminologia. *Revista Debate Terminológico*, n. 2, jul., 2006.

FISHMAN, Joshua. *The sociology of language*. Ney York: House Publishers, 1972.

FREIRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GATTAZ, André. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes*. São Paulo: Gandalf, 2005.

HOUAISS, Antônio. *Línguas e a língua portuguesa*. Francisco de Assis Barbosa (dir. e coord.). Revista do Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Rio, 1990.

\_\_\_\_\_. *As Projeções da língua árabe na língua portuguesa*. 1986. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/collat7/houaiss.htm> >. Acesso em: 23 jun. 2008.

KNOWLTON, Clark. *Sírios e libaneses: modalidade social e espacial*. São Paulo: Anhambi, 1995.

MATTOS e SILVA, Virgínia Maria. *Germanismos e arabismos no período formativo da língua*. In: V ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS MEDIEVAIS DA ABRAEM, Bahia, 2003.

MATTOSO CÂMARA, Joaquim. *Dicionário de linguística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1978.

NIMER, Miguel. *Influências orientais na língua portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2005. Resenha de VARGENS, J. B. M. *Tiraz - Revista de Estudos Árabes e das culturas do Oriente Médio*.

PIEL, Joseph Maria. *Estudos de linguística histórica galego-portuguesa*. Lisboa: Imprensa nacional - Casa da Moeda, 1989.

PESSOA DE CASTRO, Ieda. *A matriz africana no Brasil*. In: Quinhentos anos de história linguística do Brasil. Susana Alice Marcelino Cardoso, Jacira Andrade Mota, Rosa Virgínia Mattos Silva, (Orgs.). Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. Salvador, 2006.

REIS, João. *Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. Rio de Janeiro: Nacional, 1933.

SAFADY, Jorge. *A imigração árabe no Brasil: 1880-1970*. São Paulo: Garatuja, 1994.

SILVA NETO, Serafim da. *História da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.

SILVA, José Pereira. Contribuição árabe na formação do português: vocabulário português legado pelos árabes. *Philologus*, Rio de Janeiro, v. 1996a, p. 143-187.

\_\_\_\_\_. Contribuição árabe na formação do português. *Philologus*, v. 5, 1996b, p. 74-83.

TRUZZI, Oswaldo. *Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1997.

VARGENS, João Batista. *Léxico português de origem árabe: subsídios para os estudos de filologia*. Rio de Janeiro: Almadena, 2007.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. Lições de filologia portuguesa. *Revista de Portugal*, 1956.

Recebido em outubro de 2010.

Aprovado em dezembro de 2010.